



JANELAS



G O M E Z

Criado em apartamento desde que nasceu, paparicado pelas bisavós, pelos avós maternos e paternos, pelos tios e por toda a família, Zinho completou o primeiro aninho de vida poucos dias antes do Natal. Para comemorar, os pais o levaram para passar o fim de semana numa pequena cidadezinha do interior nos arredores de Brasília.

Diferentemente das alturas a que estava habituado, Zinho — apelido carinhoso dado pelo avô paterno — engatinhou pelo chão, comeu formiga na grama e se esbaldou com uma torneira de onde a água jorrava farta para o inusitado banho de mangueira. A água gelada fazia o pequeno tremer de frio, bater o queixo e ficar com os lábios roxos.

Chorando e dando birra para não sair da inusitada farra molhada, o pequeno foi levado pela mãe para o quarto onde estavam hospedados embrulhado numa toalha. Para distraí-lo, Tamires escancarou a janela que dava para o quintal, enquanto tentava enxugá-lo para, em seguida agasalhá-lo com uma roupa seca.

E foi aí que o miúdo fez a grande descoberta de sua curta existência: existe vida além da janela. Ficou vidrado e visivelmente impressionado ao perceber que os avós estavam logo ali, à sua frente, do outro lado

da janela. Seu olhar de espanto e curiosidade impressionou a todos que assistiram a cena. E ele passou a brincar. Abaixava-se e, em seguida, ficava em pé sobre a cama, rindo desabrochadamente diante da avó, que caducava: “Achooooo!..., sumiu!... achooooo!...”.

Paradoxalmente, a descoberta do neto coincidiu com uma perda do avô paterno. Também morador de um apartamento em Águas Claras/DF, Otávio é proprietário de uma unidade no primeiro andar de um condomínio que passou a ser habitado por novos ricos metidos a besta.

Desde que adquiriu sua unidade, Otávio fez a opção pelo piso inferior por duas razões: tem vertigens a grandes alturas e adora a vista para o Parque. De sua janela, há mais de uma década deleicia-se com a paisagem exuberante que o deixa frente a frente com as floradas de ipês e jacarandás ou com o verde do bosque a menos de 100 metros de seus olhos.

Mas, por decisão de uma marota assembleia dos condôminos, Otávio foi privado de todos esses pequenos (para ele, grandes) prazeres da vida: no espaço vazio que lhe proporcionava um observar a natureza, resolveram construir uma churrasqueira de dois andares. E a vista para as flores de ipês e jacarandás agora não vai além

de uma cinzenta parede de tijolos.

Otávio lamenta e protesta contra o vilipêndio à sua dignidade e revolta-se com a falta de empatia e de respeito dos vizinhos, que, em nome de uma obra meramente voluptuária — palavra que aprendeu ao consultar advogados sobre que direitos teria sob o ponto de vista da Lei e da Justiça — seguem, céleres com a construção da maldita churrasqueira. Mas a maior frustração de Otávio é não ter a visão de raio-x dos dirigentes do condomínio, que, baseados em avaliação da arquiteta — autora do projeto e do “laudo técnico” —, alegam que ele reclama à toa, pois o impacto sobre sua vista para o parque “é zero”.

Como não está disposto a perder o encanto de sua janela, e nem quer que, no futuro, digam a seu neto que os vizinhos o fizeram trocar a segunda consoante de seu nome por um “r”, Otávio apelou à Justiça e aguarda deferimento do Fórum de Águas Claras ao seu pleito.

Com fé na Justiça e no que preconiza o art. 1.341, I, do Código Civil brasileiro, e na esperança de que, um dia, poderá mostrar a Zinho, da janela de seu apartamento, as floradas de ipês e jacarandás.

Orlando Pontes é jornalista